

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

13 de Abril de 1994

Filomena Naves

GOVERNO DECIDE DENTRO DE MÊS E MEIO O FUTURO DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS E ENGENHARIA NUCLEARES

REACTOR À ESPERA DE RESPOSTA

Em Portugal há apenas três operadores qualificados para trabalhar em reactores nucleares. Na reestruturação do INETI, dois deles passaram à lista de excedentes. Agora tiveram de ser requisitados, para o reactor de Sacavém não parar. O Governo apresenta soluções dentro de mês e meio.

Dos três operadores do reactor nuclear de Sacavém, dois passaram à lista de excedentes no dia 1 de Abril. Mas, como a legislação internacional sobre o funcionamento dos reactores nucleares exige a permanência de, pelo menos, dois operadores sempre que o equipamento está a funcionar, os dois disponibilizados tiveram de ser requisitados, embora os seus nomes permaneçam na lista dos excedentários. Sobras da reestruturação do ex-LNETI, agora transformado em INETI (Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial).

«A requisição já seguiu para a Direcção-Geral da Administração Pública, que faz a gestão do quadro de excedentes», explica Rui de Carvalho, um dos operadores classificados como excedentários. Enquanto aguardam o despacho que regulariza a sua dupla situação, Rui de Carvalho e o seu colega continuam a trabalhar. Nunca deixaram de o fazer.

Mas há quem tema pelo futuro. Eduardo Martinho, o investigador responsável pelas actividades de exploração da instalação nuclear de Sacavém, adverte: *«Desde 1986 que não há novas admissões com carácter permanente e a questão dos disponíveis veio agravar a situação. No que se refere aos operadores do reactor, a questão é ainda mais preocupante. Um equipamento como este não funciona sem pessoas e, se as coisas continuam neste pé, o que vai acontecer é a morte lenta e sem dignidade dos estudos nucleares no nosso país».*

Indefinição mantém-se

O presidente do INETI, Barata Marques, desdramatiza: *«Os projectos de investigação no pólo de Sacavém continuam e não está em causa o seu futuro».*

Até Julho do ano passado, havia quatro técnicos especializados que asseguravam a operacionalidade do reactor de Sacavém. Um reformou-se nessa altura. Restam três. Dois deles com o duplo estatuto de excedentes e requisitados. E não há um único operador em formação. Uma situação *«preocupante e dificilmente sustentável»*, sublinha Eduardo Martinho. É que um técnico especializado para aquelas funções não se faz do pé para a mão. *«Em menos de um ano, entre o curso teórico e o estágio prático obrigatório, não é possível formar um operador para trabalhar com este tipo de equipamento»*, explica o investigador.

Heranças da reestruturação do INETI, que acabou por lançar na lista de excedentes técnicos afinal indispensáveis e mantém em suspenso o futuro do pólo de Sacavém. De acordo com um despacho publicado do Diário da República, em Outubro do ano passado, o ICEN (Instituto de Ciências e Engenharia Nucleares), em Sacavém, no qual está integrado o reactor nuclear, ficou a *«funcionar provisoriamente como unidade orgânica do INETI»*, tendo a sua situação ficado de ser definida no prazo de três meses, a partir dessa data.

Mas os noventa dias escoaram-se e nada aconteceu. Até hoje. Um grupo de trabalho nomeado para estudar o problema e constituído por representantes dos ministérios do Planeamento, da Indústria e da Educação entregou um primeiro parecer ao Governo. *«Mas continua a trabalhar e deverá, dentro em breve, entregar um relatório final»*, disse Barata Marques ao DN. No entanto, uma decisão sobre o destino do ICEN *«não deverá ser conhecida antes de um mês, mês e meio»*, sublinha o presidente do INETI. De resto, adianta, a solução mais provável *«deverá passar pela ligação às universidades e pela reorientação das actividades do pólo de Sacavém no sentido do mercado, com prestação de serviços às entidades interessadas e aplicação prática das suas capacidades científicas».*

Subsídio do Estado

Eduardo Martinho sublinha: *«Mesmo que a decisão a nível político venha a ser a de não fechar o reactor, a verdade é que ele não pode funcionar sem uma equipa técnica mínima».*

Nem sem dinheiro. Esta, de resto, parece ser a grande questão. «*Não duvido que as universidades estejam dispostas a acolher-nos, até porque o trabalho científico que aqui é feito está internacionalmente reconhecido. O financiamento da actividade do reactor é que é difícil de resolver*», adianta Eduardo Martinho.

Para Barata Marques, tudo está em aberto: «*Reconheço que o ICEN não conseguirá ser auto-suficiente, do ponto de vista financeiro, nos próximos anos e que será necessário atribuir-lhe um subsídio, cuja fonte terá de ser o Orçamento do Estado*».

E, se o futuro parece incerto, os pergaminhos do reactor nuclear e do ICEN são bem concretos. Envolvidos em pesquisas internacionais, em projectos comunitários e nacionais, os investigadores do INETI-Sacavém tiveram, nomeadamente, um papel fundamental na análise e controlo dos alimentos importados, nos anos que se seguiram a Chernobyl.

A funcionar desde 1961, o reactor sofreu, entre 1989 e 1989, uma remodelação profunda, cujos custos ascenderam a 400 mil contos.

Do ambiente à saúde e nutrição

Hoje, o reactor de Sacavém é o único da Península Ibérica destinado à investigação científica. Muitos investigadores espanhóis deslocam-se a Sacavém para ali realizarem uma parte dos seus trabalhos.

Mas, por falta de recursos humanos e pela indefinição que pende sobre o ICEN, aquele equipamento está a trabalhar a meio gás. «*O reactor está subaproveitado*», garante Eduardo Martinho.

A taxa de ocupação daquela instalação nuclear foi de 43 por cento em 1992, e um pouco menos no ano passado. No entanto, são imensas as potencialidades daquele tipo de equipamento. «*Uma das suas muitas aplicações possíveis é o controlo de vestígios poluentes em resíduos, através da técnica de análise por activação com neutrões*». Simplificando: a amostra a analisar é colocada junto do núcleo do reactor e irradiada durante um certo tempo. Depois fazem-se análises e contas. A sete horas de irradiação, por exemplo, correspondem muitas mais de estudos posteriores.

Nos últimos quatro anos, os projectos de investigação ligados ao reactor de Sacavém foram desenvolvidos em áreas tão diversas como o ambiente — com a avaliação de níveis de poluição em águas e na atmosfera —, a nutrição e a saúde, a agronomia ou a preservação do património cultural.

De resto, «*a pesquisa nesta área é hoje imprescindível num país como Portugal*», sustenta o investigador Eduardo Martinho. «*Esta é a única instalação do género no nosso país, com uma experiência acumulada de nível internacional. Um património que é imprescindível preservar e valorizar*», acentua o investigador.

♦ **O Governo deverá tomar dentro de mês e meio uma decisão quanto ao futuro do ICEN, o pólo de estudos nucleares de Sacavém, no qual está integrado o único reactor português, e o único destinado à investigação científica na Península.**

♦ **Em causa está o estatuto daquele instituto e a solução mais plausível será a sua ligação às universidades, a par de uma reorientação para o mercado das suas potencialidades científicas.**

♦ **Dois dos três operadores do reactor passaram ao quadro de excedentes, na sequência da reestruturação do INETI, mas tiveram que ser requisitados para que aquela instalação nuclear não parasse. É que um reactor nuclear tem que ter pelo menos dois operadores na sala de comando, quando está a funcionar.**